

FERIGOLO, Jorge. *A epistemologia de Aristóteles*. São Leopoldo: Unisinos, 2014, 266p. ISBN: 978-85-7431-695-6.

A obra objetiva demonstrar o principal método epistemológico que Aristóteles utilizou em suas investigações, especialmente no estudo da Natureza.

Ferigolo, doutor em Geociências e Filosofia, utiliza três fontes: principalmente a edição bilingue em grego e inglês da *Loeb Classical* (Harvard University Press); a edição *The Works of Aristotle* (Clarendon Press; David William Ross, ed.) e a edição *The Complete Works of Aristotle* (Oxford, ed. rev.; Jonathan Barnes, ed.). O Autor insere os trechos de Aristóteles diretamente em inglês.

O trabalho é destinado a alunos de graduação e pós-graduação em Filosofia, bem como aos desejosos de conhecer a metodologia e a epistemologia aristotélica.

Na primeira parte, o Autor analisa os principais conceitos concernentes à investigação da Natureza e ao método comparativo, indaga sobre a demonstração enquanto método de investigação, propedêutica ou método matemático; trata também do conhecimento por meio das coisas e da escolha/aplicação do método de acordo com a necessidade. Estudam-se as categorias e os predicáveis, a identidade e a analogia, os unívocos e os análogos, a sinonímia, a homonímia e a equívocidade.

A parte seguinte aborda o conhecimento e a dialética, apresentando as definições de argumento, dedução, demonstração, método, proposição e o problema dialético. Outros aspectos ainda são destacados, como os *phainomena*, *endoxa* e *topoi*, os primeiros princípios como causas, os estágios e procedimentos de investigação do método dialético, os métodos comparativo, empírico, descritivo e o argumento indutivo. Finalmente, trata com detalhes sobre a novidade da dialética de Aristóteles.

Um exemplo típico, oferecido pela obra, que resume as duas partes iniciais, está em *Analytica Posteriora* I, 3; 72b5-30. Sobre ele, afirma o Autor: “Aristóteles apresenta duas escolas de pensamento com posições distintas quanto à possibilidade de conhecimento demonstrativo e à extensão que o mesmo [*sic*] poderia ter. De modo que esse é um problema claramente dialético, já que temos duas posições conflitantes sobre um mesmo tema, e então temos uma aporia a ser resolvida. Então, como não poderia deixar de ser, o que observamos é que para tentar solucioná-la Aristóteles se vale do seu *método dialético*. Após apresentar os principais *endoxa* das duas escolas ele contesta ambas, apresentando sua própria opinião, formulada com base nos *phainomena*” (p. 138).

Observa-se que há discussão entre duas escolas com pensamentos diferentes sobre determinado tema; portanto, nesse caso, não existe outra possibilidade para o Estagirita senão fazer dialética. O Autor reconhece esse aspecto e logo generaliza para explicar que em Aristóteles este é o procedimento habitual: “Tratando-se de uma discussão sobre a demonstração, é interessante que Aristóteles utilize a dialética, mas isso não foi na realidade uma opção para ele. A isso ele [foi] induzido por necessidade, já que o método dialético é o único que permite contrastar opiniões conflitantes, e ainda compará-las com a própria opinião baseada nos *phainomena*. De resto, esse é o procedimento usual de Aristóteles em todas as áreas, o que nos permite que afirmemos que seu método de investigação, de uma maneira geral, é o dialético. Ele usualmente parte dos *endoxa* anteriores, os quais contrasta entre si e com seus próprios dados. Ou, menos frequentemente, como acontece com muitos casos na biologia, ele parte de suas próprias observações sobre os *phainomena*, já que sobre tais temas nada há feito anteriormente” (p. 138).

A terceira e última parte é uma síntese dos resultados da investigação sobre a metodologia aristotélica em diferentes áreas, destacando que devem ser analisadas não apenas do ponto de vista teórico, como procedem alguns, interessando-se apenas por puros aspectos filosóficos. O que realmente intenta o Autor é discutir conceitos

utilizados por Aristóteles em diferentes contextos de investigação.

Na perspectiva de Ferigolo, é na dialética que se originam tanto a filosofia quanto a ciência, porém, utilizando-se de diferentes premissas: na ciência, as premissas científicas; na filosofia, *endoxa*. Ademais, se bem que a filosofia tenha início com a maravilha ante a observação das coisas (*Metaphysica* I, 2; 982b10-15), é graças à dialética que ocorre a investigação do mundo, mediante a compilação dos *endoxa* e a observação dos *phainomena*.

Após essa asserção, o Autor analisa a metodologia aristotélica, sustentando que os *Analytica* não superam os *Topica* – como defendem alguns autores – e que Aristóteles propôs o método da demonstração apenas para a sua aplicação matemática. Ademais, ainda que a demonstração fosse utilizada também em outras áreas, seria ela apenas propedêutica de conhecimento, conforme o sentido original do termo *apodeixis*, ou seja, “mostrar” (Ross, William D., *Aristotle*. London: Methuen, 1923). Em outras áreas, o método utilizado por Aristóteles é, segundo o Autor, o dialético.

Para acentuar a importância do método dialético, ele postula que até na matemática tal método tem grande relevância, não apenas para a obtenção das premissas, mas também quando a investigação matemática se inicia por *endoxa* anteriores.

Quando trata sobre a metodologia utilizada por Aristóteles em áreas biológicas, Ferigolo evidencia que não se trata do método de demonstração. Para sustentar essa afirmação, baseia-se na descrição de Jonathan Barnes (Aristotle's Theory of Demonstration. *Phronesis*, 14, n. 2, 1969, p. 123-152), o qual indica que a demonstração “não seria absolutamente um método de investigação da Natureza, mas sim um método propedêutico de repasse dos conhecimentos de que já se dispõe. Conhecimentos esses, evidentemente, obtidos por meio da dialética” (p. 22).

Sem embargo, o Autor sugere que em Barnes há um problema, pois se o método demonstrativo é aplicável à matemática – como é o caso das áreas onde a verdade e a falsidade de uma proposição não repousam na evidência empírica –, conforme o próprio Aristóteles, ele não pode ser apenas propedêutico (considerando o significado de “dar instrução preparatória”).

Portanto, na interpretação de Barnes, “o termo ἀπόδειξις (*apodeixis*) teria em Aristóteles seu sentido original, o de mostrar, ou o de dar a conhecer (como se encontra no início da *História* de Heródoto). [...] Assim considerado ἀποδεικτικός, *apodítico*, não teria o suposto sentido de ‘capaz de demonstração’, mas sim de ‘capaz de ser mostrado’. Entendemos que devemos aceitar em parte a interpretação de Barnes (1969), a da demonstração como uma propedêutica, com exceção da

matemática, para estarmos conformes com Aristóteles (e.g. *Metaphysica*, II, 3; 995a5-15). Então, Aristóteles por vezes parte dos *endoxa* nas suas diferentes áreas de investigação, mas na maioria dos casos, em particular quando não há nenhum *endoxon* anterior, o que acontece é que Aristóteles *apresenta afirmativamente sua posição*, a qual resulta de uma longa investigação realizada por ele sobre os *phainomena*, e com base em experimentos [...]. Essa apresentação afirmativa é feita valendo-se do que usualmente hoje se chama de *método descritivo*: ao descrever um objeto ou (os órgãos ou as partes de) um animal, se está afirmando coisas sobre ele; dizendo que seus atributos são de certo modo e não de outro. Depois disso as coisas ou os órgãos/partes são interpretados, em termos de suas causas” (p. 22-23). Esse trecho evidencia, em resumo, tanto a posição de Barnes quanto a de Ferigolo sobre o método usado por Aristóteles na biologia.

A seguir vale a pena tratar de alguns significados apresentados na conclusão que permitem compreender o fulcro da obra.

Para Aristóteles, há dois sentidos para *episteme*, a saber, conhecimento geral e conhecimento especulativo. Já a *dianoia* significa propósito ou objetivo, e é dividida em três modalidades: a teórica, a prática e a produtiva. Para o Estagirita, “o conhecimento verdadeiro inclui a- o que é evidente por si mesmo,

b- o conhecimento dos princípios (as causas), e c- o conhecimento demonstrado” (p. 224).

Certos conceitos básicos, como o de comparação e derivados, “semelhança e diferença, e mais ou menos, são *lógica e temporalmente anteriores* aos predicáveis, porque permitiram o estabelecimento das categorias, e dos próprios predicáveis e respectivos tópicos” (idem). Já a “*predicação* de um sujeito refere-se ou à sua *definição*, o que a coisa é, caracterizando seu *gênero*, ou refere-se a uma de suas *propriedades* ou *acidentes*” (idem). Os “*Tópicos* são as regras que devem ser seguidas em todas as investigações. [...] *Phainomena*: como as coisas se *apresentam aos nossos sentidos* (*Ethica Nichomachea*, VII, 1; 1145b1-5), i.e., *aparências*. *Endoxa*: *opiniões aceitas por todos*, pela maioria ou pelo menos pelos mais sábios” (p. 225).

O método dialético é também chamado de “dialética forte” e o debate dialético de “dialética fraca”. No primeiro, “o investigador parte dos *endoxa* e depois examina os *phainomena*. Exceto nos casos em que não há nenhum *endoxon* anterior” (p. 225-226). Para o Autor, a dialética de Aristóteles “não é um método argumentativo; nem um meio para conhecer a verdade; mas, sim, é um procedimento que apenas permite chegar a opiniões confiáveis” (p. 226). Quanto aos primeiros princípios, frisa que a dialética é anterior à

demonstração, uma vez que as primeiras premissas são sempre obtidas por meio da dialética (*Analytica Posteriora* II, 19; 100b1-15)” (idem). A seguir, o Autor aborda os estágios, procedimentos e a classificação das coisas segundo o método dialético.

Para o Autor, Aristóteles é antes de tudo um investigador que “*desenvolve os métodos conforme eles são necessários*” (p. 227). Isso se evidencia através de várias obras do Estagirita. E conclui que “*conhecer* para Aristóteles é ‘conhecer as causas’, o que tem importantes implicações na investigação em geral” (idem).

Para comentar este trabalho, vale a pena levantar algumas perguntas: Qual é o método utilizado por Aristóteles em suas obras? Ele utiliza um único método ou privilegia um método em particular? Quando ele utiliza a demonstração e quando a dialética? Que entende o Estagirita por dialética e por demonstração?

A dialética trabalha com premissas dialéticas (*endoxa*) para encontrar a solução mais próxima possível da verdade a respeito de algo. A demonstração ocupa-se com premissas científicas, parte da essência das coisas, e se apoia nos primeiros princípios obtidos por indução; ao passo que são obtidas por dedução as suas possíveis consequências mediante o silogismo.

Conforme observado, Aristóteles não se limita a uma única metodologia, pois adapta a sua metodologia às necessidades, podendo prevalecer uma. Por esse motivo, é fundamental que o estudioso de Aristóteles realize um minucioso exame textual e contextual das obras analisadas, para verificar sob que âmbito cada uma é tratada: dialético ou demonstrativo. Isso é essencial para saber com precisão se a conclusão é uma verdade indiscutível, por proceder dos primeiros princípios, ou apenas a mais provável, por sua base em *endoxa*. Certamente, cometeria um erro quem forçasse a interpretação do texto, utilizando, indiscriminadamente, um ou outro método sem antes submetê-lo a uma hermenêutica minuciosa.

Ademais, Ferigolo oferece um histórico do consenso dos filósofos sobre o tema, revelando que até meados do século XX os autores eram unânimes na definição e especificação do método utilizado pelo Estagirita, gerando novas polêmicas.

A obra analisada oferece abundante argumentação para corroborar a ideia de que Aristóteles usava primordialmente o método dialético, sem, entretanto,

negar a possibilidade de outros métodos. Sem embargo, alguns comentários e argumentação do Autor parecem às vezes um pouco forçados, seja pela validade, seja pela clareza de expressão.

Além disso, o livro inclui diferentes opiniões sobre o tema e, quando contrárias às suas teses, Ferigolo procura apontar, com suficiente erudição, as falhas encontradas. Em geral, a sua argumentação está bem estruturada e comprovada pelos próprios textos aristotélicos. Ora, isso oferece muita força argumentativa, inclusive quando o Autor busca transpor a mente do Estagirita para interpretar o *arrière-fond* de cada trecho. O Autor também indica palavras que sofreram mudanças ao longo do tempo, como “dialética”, cujo sentido diverge do hodierno.

Portanto, percebe-se um meritório empenho do Autor em defender seus argumentos e refutar os contrários, respeitando as opiniões adversas, porém, sem deixar de opor-lhes dificuldades.

Eis, pois, uma obra fundamental para um tema tão debatido na atualidade.

Carlos Alberto Insaurrealde Magnelli
(Professor – IFAT)